

A IMAGEM DA FÉ: A COLEÇÃO DE EX-VOTOS DO MUSEU REGIONAL DE CAETÉ

Aziz José de Oliveira Pedrosa

Especialista em História e Cultura da Arte

Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo - UFMG

azizpedrosa@yahoo.com.br

A exploração mineral nas Minas do século XVIII propiciou o desenvolvimento populacional às margens das lucrativas minas de ouro recém-descobertas, motivando o surgimento de uma sociedade que se instalava e criava as condições necessárias para sobrevivência, frutos do crescimento projetado por um mundo recém-descoberto. Uma sociedade diversa, constituída por gente de outras regiões da Colônia, bem como por portugueses e negros. Enquanto uns se dedicavam ao controle e exploração do ouro, outros se aventuravam em busca de riquezas, ao passo que a população negra tinha suas vidas entregues à escravidão. Assim foi formada a sociedade das Minas do ouro, marcada por riqueza e muitas desigualdades.

O rápido crescimento populacional na Capitania de Minas provocou o desenvolvimento urbano, que ocorria conforme as necessidades existentes, sem preocupações diretas, por parte do Estado, em se promover a organização espacial necessária. Assim foram construídos prédios públicos para instalar a complexa estrutura de controle e fiscalização para gerenciar o novo território; templos religiosos eram erigidos para abrigar a fé de uma população onde as incertezas relativas à vida e a morte eram constantes, diante de um mundo onde tudo estava por fazer, a lei por instalar e a ordem por se estabelecer.

Mediante todo esse período de grande prosperidade em Minas, com o aumento de sua população, surge também o aparecimento de enfermidades trazidas para o novo território, fruto da circulação de portugueses e negros que se amontoavam durante meses nas embarcações que de Portugal e da África se dirigiam para o Brasil, cujas condições sanitárias e higiênicas ficavam fora de controle e propiciavam o alastramento de doenças. Além disso, em Minas, a falta de saneamento básico, as precárias práticas higiênicas e o lixo disperso pelas ruas, criava um ambiente favorável à proliferação de doenças diversas. Essa situação se agravava por serem raros os profissionais dedicados à medicina e pela inexistência de espaços destinados ao auxílio hospitalar, contribuindo, assim, para elevar as dificuldades e o acesso aos tratamentos de saúde. Essa situação começaria a mudar apenas no correr do século XVIII, com a fundação, em Minas Gerais, das conhecidas Santa Casa de Misericórdia. Já a higiene, por não ser uma questão prioritária no século XVIII, se tornaria uma preocupação apenas no século XIX.

Morria-se pela inacessibilidade ao atendimento médico, pelas doenças que surgiam a partir do lixo e das precárias condições sanitárias urbanas, pelo trabalho árduo nas minas de ouro e também pela violência urbana, onde crimes e atentados à vida eram comuns. Na ausência de médicos, de segurança e de demais garantias de sobrevivência, recorria-se à fé, como meio de assegurar a vida e a saúde. Cita Marques (2007, p. 230) que o catolicismo era um dos meios de se buscar a cura. Para tal, os santos eram invocados, sendo alguns solicitados para auxílio e cura de todos os males, outros, os “especialistas”, clamados para solucionar problemas específicos. Alguns santos eram mais populares em determinadas regiões do que em outras, condicionadas essas preferências às mesclas culturais que regiam os costumes locais e a religiosidade.

A fé era o único remédio para todos os males, e para tal, o fiel fazia uma prece explicitando que, ao alcançar a graça suplicada, o milagre, demonstraria sua gratidão ao Santo protetor por meio dos ex-votos. Esses eram provas concretas do milagre ocorrido, materializados por meio de tábuas votivas onde eram descritas as cenas que ilustravam o fiel e o santo devoto. Foi muito comum, nos séculos XVIII e XIX, em Minas Gerais, a presença de ex-votos nas igrejas.

O texto que por hora se apresenta traz a conhecimento a pequena coleção de ex-votos do Museu Regional de Caeté, que conta com dez tábuas de têmpera produzidas entre os anos de 1748, até meados do século XIX, cujas imagens são importantes testemunhas de um mundo onde a pintura erudita não foi capaz de registrar o ambiente social e religioso dos séculos XVIII e XIX, na Capitania de Minas Gerais. Os ex-votos atravessaram os tempos e nos dias de hoje, possibilitam o levantamento de dados sobre o universo mineiro

colonial. Assim, as tábuas votivas com suas simbólicas imagens, espelhos da fé, registram o cotidiano, os hábitos, a cultura, a moda, a fé e o medo que acometiam uma sociedade em processo de formação. Contextos específicos, significantes em sua simplicidade pictórica, que se convertem, também, em importantes retratos do ambiente artístico do período, onde as tendências da arte relacionadas ao barroco e ao rococó são expostas por meio das cenas, das representações arquitetônicas, do mobiliário, das vestimentas e do simples ambiente doméstico. Infelizmente o estado de conservação que se encontram as peças que subsidiaram essa pesquisa, demonstra o descaso com a memória coletiva de um universo protegido pela fé.

Pinturas desprezíveis, os ex-votos são oriundos de trabalhos de artistas populares e, em alguns casos até mesmo eruditos, demonstrando, desse modo, a presença de oficiais que se dedicavam à arte da pintura nas Minas dos setecentos. Tal fato é resultado da caudalosa construção de templos religiosos, principalmente durante o correr do século XVIII, que possibilitou a permanência de oficiais e ateliês de talha e pintura, que se dedicavam à decoração interna das igrejas. As produções artísticas no campo da talha e da pintura, em Minas, colocam o Brasil no circuito das importantes produções do período, marcadas por influências de correntes estilísticas em voga.

Assim, os pintores de maior expressão, como o Mestre Ataíde, se dedicavam às grandes produções guarnecendo as igrejas de Minas de pintura, fazendo serviços de policromias de imagens devocionais, retábulos, oratórios, dentre outros objetos necessários à fé da sociedade coeva. Conviviam nos ateliês, com esses mestres, outros tantos auxiliares e aprendizes, o que possibilitou que a pintura se popularizasse e chegasse ao alcance das camadas sociais menos privilegiadas, e assim, fosse assimilada por artistas de menor erudição, sem grande domínio das técnicas pictóricas, sendo esses os responsáveis por atender ao mercado da pintura votiva, visto os grandes pintores se ocuparem das obras de maior porte.

Possivelmente, a exclusão de muitos artistas de menor habilidade desses grandes ateliês e a presença significativa de pintores nas Vilas de Minas, tenha contribuído para disseminar conhecimentos referentes às técnicas de pintura. Todavia, é possível constatar, nas tábuas votivas em análise, dificuldades em executar a perspectiva, os espaços e em distribuir os objetos pelos planos. O não domínio das técnicas de representação impedia que fossem devidamente projetados os planos, a espacialidade e consequentemente, a distribuição dos objetos que compõem a pintura. Apesar disso, não há impedimento para se compreender a cena representada.

38

Diferentemente do ocorrido, por exemplo, nos países da Europa, a pintura erudita nas Minas setecentistas, não foi utilizada para registrar o cotidiano da sociedade. Castro (1994) menciona que em Minas não existiu uma sociedade urbana e rural, mantenedora do costume da pintura de retratos e paisagens, o que confere às tábuas votivas, um dos poucos testemunhos desses tempos.

Os ex-votos supracitados representam cenas de agradecimento, mediante graças alcançadas. Narram, geralmente, o fiel acamado, caso tenha sido acometido por enfermidades, ou, no ambiente natural, quando se tratava de agradecimento por ter sido salvo de atos de violência ou acidentes. Além disso, imprescindível era a representação do santo responsável por conceder o milagre, seguido de pequeno texto explicativo, com o nome do fiel e descrição dos feitos.

Nesse sentido, especificidades diversas marcam as tábuas votivas mineiras, com destaque para a representação dos interiores dos edifícios. Prevalcia um ambiente simples, com poucos móveis, apesar de ser notável a preocupação no detalhamento do mobiliário de dormir, em casos de graças alcançadas por acometimento de doenças.

Em algumas tábuas votivas do acervo em estudo (FIG. 1 e 2), aparecem cortinados vermelhos, com detalhes curvos. Esses elementos decorativos serviam para limitar a cena e preencher os espaços vazios que não foram ocupados por mobiliário, visto que a representação do dossel, a exemplo da figura 2, contribuiu também para disfarçar a grosseira perspectiva do ambiente. O vermelho em cortinados, como afirma Pessoa (2001, p. 35) servia para espantar os maus espíritos. Na figura 4 foi ilustrada cama com dossel sustentado por colunas, mobiliário esse comum em quartos femininos. As camas retas, como na figura 3, eram móveis de uso de pessoas com menor poder aquisitivo, já as torneadas eram objetos destinados aos mais ricos, pois o trabalho na madeira exigia maior recurso financeiro. (FIG. 3 e 4)



Figura 1: Ex-voto. Acervo do Museu Regional de Caeté. Foto: Aziz Pedrosa.



Figura 2: Ex-voto. Acervo do Museu Regional de Caeté. Foto: Aziz Pedrosa.

A Figura 2, rica de informações, mostra leito representado com maior detalhe ornamental, em que a cabeceira aparece com talha formada por curvas, contracurvas e concheados. As peseiras foram esculpidas com concheados, em conformidade com as tendências do mobiliário de influência barroca, visto ser a pintura datada do ano de 1748. Todas essas informações ratificam, também, o poder aquisitivo do miraculado. Diverge, nesse aspecto, a pintura da figura 3, realizada no ano de 1835, que demonstra catre de cor escura, de armação simples e estreita, costumeiramente destinada a solteiros, sem estrutura para dossel, cuja cabeceira é alta e delineada por arco de círculo. As peseiras possuem ponteiras.

39

Na tábua votiva da Figura 1 foi representado banco, de desenho simples e destituído de ornamentos, sobressaindo apenas sua função prática. Possivelmente essa tábua data de fins do XVIII e início do XIX. A simplicidade do banco demonstra se tratar de móvel popular, destinado àqueles com menor poder aquisitivo.

No tangente às tábuas que retratam paisagens (FIG. 5), vê-se, novamente, a dificuldade na representação dos planos, onde poucos elementos naturais constituem as cenas, sendo difícil reconhecer a flora local, visto que as árvores representadas servem apenas como demonstrativo de que o episódio ocorreu em ambiente natural. Entretanto, em uma das pinturas, foi representada vegetação rasteira, em terceiro plano, recurso esse utilizado para que o foco principal da cena se concentrasse na vítima que é atacada por três homens. Apesar de danificada, a pintura, percebe-se que foi intenção do pintor demonstrar a gradação dos planos, em que o primeiro é ocupado pelo miraculado e pela santa a quem se agradece a graça alcançada, o segundo plano fica por conta dos homens que atacam a vítima e o terceiro pela vegetação que compõe e delimita a cena. Tudo representado com tamanha simplicidade esquemática, de forma que não é possível estudar a paisagem pintada. Uma característica que se repete em outras tábuas votivas.

A figura humana foi de difícil realização por parte dos pintores populares, praticamente não utilizavam técnicas que possibilitassem melhor tratamento da tridimensionalidade, ficando a representação, basicamente, restrita às construções bidimensionais. Os rostos quase não eram detalhados e apenas algumas pinceladas, em forma de linhas, definiam os olhos, a boca, o nariz e as sobrancelhas, ficando sem tratamento a luz e sombra que confeririam melhor definição às faces. A anatomia das mãos, pernas e o restante do corpo também não eram bem delineados, o que se agravava quando os corpos eram representados em repouso,



Figura 3: Ex-voto. Acervo do Museu Regional de Caeté.
Foto: Aziz Pedrosa.



Figura 4: Ex-voto. Acervo do Museu Regional de Caeté. Foto: Aziz Pedrosa

deixando evidente a falta de domínio de técnicas que contribuíssem para a execução dessa difícil representação pictórica. Também eram grosseiras às relações de proporção mantidas entre as partes dos corpos, que revelavam a falta de traquejo, por parte dos pintores, de lidar com efeitos de luz, capazes de aliviar o aspecto chapado dos corpos.

Em meio a essas questões, sabe-se que na diversidade de ex-votos existentes, oriundos do universo colonial mineiro, existem pinturas de grande qualidade técnica, o que não é evidente na coleção do Museu Regional de Caeté. Entretanto, em uma das tábuas votivas, (FIG. 1) em que é representado homem negro de joelhos, observa-se que, o artista que o pintou, tinha certo domínio das técnicas de representação do corpo humano, pois consegue promover boa relação de proporção entre as partes, conferindo-lhes melhor detalhamento do rosto com uso de tons claros sobre a pele negra para contrastar luz e sombra. Acredita-se que o pintor que realizou essa tábua votiva detinha bons conhecimentos sobre pintura, o que possibilita cogitar hipóteses de ter sido ele pintor profissional. Todavia, mesmo com toda essa capacidade, não se dedicou o dito pintor, ao tratamento da pintura da imagem de Nossa Senhora da Glória que aparece no mesmo ex-voto.

Para representação dos santos, aos quais se agradece graça alcançada, é perceptível o mesmo tratamento dado à representação dos miraculados, em que a pintura da face aparece de modo chapado com pinceladas rápidas que definem olhos, queixo, boca, nariz e sobrancelhas, tratamento similar conferido aos anjos que, vez ou outra, compõem as pinturas. As vestimentas dos santos aparecem com panejamentos de rude execução, notável também essa questão, na roupagem dos homens e mulheres retratados, o que pode ser entendido pelas dificuldades de se obter volume por meio da manipulação de gradações dos tons claros e escuros.

Entretanto, a representação dos atributos dos santos era feita de modo que não ficasse dúvida de qual santo se tratava, o que não quer dizer que eram pintadas com excelência. Talvez a ausência de técnicas apuradas de representação não fosse, em muitos casos, resultado do não domínio do desenho e das representações pictóricas, uma vez que circulavam nas Vilas de Minas pintores de excelência, como por exemplo, Manoel da Costa Ataíde. Em hipótese, pode-se pensar que a simplicidade na representação era condicionada ao pequeno espaço para enquadramento da pintura, com a redução de escala que, consequentemente, minimizava a excelência técnica. Além disso, deve-se considerar que essas pinturas não eram destinadas à contemplação, assim não tinham como condição se tornarem reprodução fiel de uma determinada realidade, como as pinturas que decoravam os interiores das igrejas de Minas.



Figura 5: Ex-voto. Acervo do Museu Regional de Caeté. Foto: Aziz Pedrosa.

Sabe-se que diversas eram as invocações feitas e as devoções às quais se apegavam os fiéis para o alcance de graças, sendo possível reconhecer os santos por meio de suas representações iconográficas. Em todas as tábuas votivas a imagem do santo era envolta por cercadura de concheados, nuvens, raios e, às vezes, por cartelas. Esses elementos reverenciavam a divindade do santo e conferiam, à cena, ar sublime, de diferenciação, visto que os santos são sempre representados como visões distanciadas do plano terrestre, envoltos por áurea celestial. Nos ex-votos do Museu Regional de Caeté são santos invocados: Nossa Senhora da Glória, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora das Dores, Santa Ifigênia, São Domingos, São Francisco de Assis e Santana acompanhada da virgem menina.

Por fim, no tangente às técnicas e materiais empregados, nota-se preferência pela execução de têmpera sobre madeira, visto que o cedro era o material de base mais utilizado devido suas características de maleabilidade e também por ser facilmente encontrado na Capitania de Minas. Já a paleta de cores disponíveis era basicamente composta por ocre, vermelho, azul, verde, preto e branco.

Referências

BAYEUX, GLORIA; SAGGESE, ANTONIO; MUSEU DA CASA BRASILEIRA (SP). *O móvel da casa brasileira*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1997. 163p.

CASTRO, Márcia Moura Castro. *Ex-votos Mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro*. BDMG Cultural, 1994.

MARQUES, Rita de Cássia. A saúde na terra dos bons ares, poucos médicos e muita fé. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. Volume 2. p. 225-245.

Promessa e milagre no santuário de Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais. Intr. de Lélia Coelho Frota. Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

PESSOA, José. *Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

RICARDO, Eneida Lopes Ferreira Guimarães; CARVALHO, Elizabeth Sales de; Universidade Federal de Minas Gerais. *Museu do Ex-voto Congonhas/MG*:2000.

SCARANO, Julita. *Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOUZA, Laura de Mello. *Norma e Conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.